# As ideias de Port Royal - 20/01/2024

\_Tenta elucidar um conceito tão amplo e tão simples: a ideia\*\*[i]\*\*\_  
  
Hacking cita a \_Lógica\*\*[ii]\*\*\_ como um livro de grande influência, tendo sido  
escrito em Port-Royal, no século XVII, por jansenistas, dentro do contexto de  
associação da linguagem com as ideias[iii]. Acontece que, no âmbito de Locke e  
Berkeley, parece que o conceito de ideia é tão abrangente que quase constitui  
uma impossibilidade, já que ideia pode ser desde o objeto do entendimento  
quando o homem pensa, como pode ser uma imagem mental, uma noção, espécie,  
pode ser um objeto da percepção de modo geral ou mesmo uma dor e até cócegas.  
Classificação heterogênea que pode levar a erros.  
  
Já pela \_Lógica\_ , conforme Hacking, nada é mais claro que a \_ideia\_ , tipo  
mais elementar de entidade imaginável. E ele adverte que há uma distinção  
entre conceber e imaginar uma ideia, isso porque concebemos a ideia de uma  
figura de mil lados ou ideias como Deus ou vontade, mas não podemos \_formar  
imagens\_ dessas coisas. Entretanto há de se questionar por que imagens e  
objetos do raciocínio poderiam ser considerados ideias, se díspares[iv].  
  
Se tal classificação abrangente incomodou até Kant, segundo ele, a resposta da  
\_Lógica\_ de Port-Royal passa pelo ego cartesiano, já que “não temos  
conhecimento de nada que está fora de nós exceto pela mediação das ideias  
dentro de nós” (p. 35) e acessíveis por ele. E ele complementa trazendo o  
princípio de classificação que o ego usa para as ideias: “uma ideia é qualquer  
objeto que pode ser contemplado por um ser pensante e sem que haja  
\_compromisso existencial\_ com qualquer coisa exceto esse próprio ser pensante”  
(p. 36, grifo nosso).  
  
Isto é, conforme entendemos, há garantias “até” o ego, não “além” dele. Os  
objetos são ideias do ego, dentro do compromisso existencial dele; existência  
do eu. Daí a ampla gama de objetos, i.e., ideias (cócegas, imagens e  
conceitos). Nesse caso, objetos não são moedas ou ventiladores, eles são  
objetos do desejo ou do pensamento (objetos de), embora para a metafísica  
daquele empirismo, Locke considere que moedas são objetos e Berkeley não[v].  
Ainda nesse interim, uma coisa que Hacking pontua é que ideias são  
contempladas.  
  
Acontece que a influência cartesiana em Port-Royal leva a ideia, se possuindo  
objetividade, para o campo do raciocínio e “raciocinar sobre ideias é como  
ver”, Descartes compara o raciocínio à visão. Segundo ele olhamos para nossas  
ideias e as escrutinamos separadamente para saber o que confunde o pensamento  
ou não. Mas Hacking questiona essa associação do mental com a visão e insiste  
que não formamos imagens de muitos conceitos. Só que, para Descartes, as  
ideias são iluminadas pelo pensamento, quiçá pela intuição.  
  
Haveria um olhar mental para além do véu que cobre nossa visão e quando  
percebemos um argumento exclamamos: “agora estou vendo!” – vício de linguagem.  
Inclusive há uma supremacia da visão sobre os sentidos por parte dos  
empiristas. Mais do que argumentar com as palavras, foge-se delas para as  
ideias, embora haja objetos táteis, embora nós possamos prescindir da visão em  
muitos casos.  
  
E Hacking resume assim a teoria das ideias: há uma classe de objetos chamados  
ideias que medeiam entre o ego e o resto do mundo e, embora as ideias não  
sejam imagens, temos acesso a elas pela faculdade da visão. Então, as palavras  
significam ideias por meio de uma relação causal. Se, aparentemente, no século  
XVII, havia esse trabalho profilático de escapar da linguagem pelas ideias, a  
linguagem que interessava à filosofia da época era a o discurso mental  
encadeado de ideias, despido do discurso público. Será que o discurso mental  
da época se assemelha ao discurso público de hoje?  
  
   
  
\* \* \*  
  
[i] Fichamento do terceiro capítulo de \_Por que a linguagem interessa à  
filosofia?\_ São Paulo: Editora Unesp, 1999\. Ian Hacking. Falamos de sua  
estratégia aqui:  
<https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2022/12/a-estrategia-de-ian-hacking-  
para.html>.  
  
[ii] Lógica de Port-Royal: [https://gulbenkian.pt/publications/a-logica-ou-a-  
arte-de-pensar/](https://gulbenkian.pt/publications/a-logica-ou-a-arte-de-  
pensar/): A Lógica de Port-Royal foi um dos livros mais influentes de lógica  
filosófica -para o bem e para o mal – da época moderna, não só no seu tempo  
como nos séculos seguintes, apesar – e talvez por causa – das suas  
idiossincrasias, visto que não trata apenas de questões tradicionais de  
lógica, mas também de outros assuntos, que vão da epistemologia à moral,  
passando pela metafísica e pela retórica. Afirmando-se como um manual de  
rutura contra a tradição aristotélico-escolástica (no que esta tinha de  
formalista, de abstrato e de especulativo) mas também contra a conceção  
ramista da dialética, ela foi, em vez disso, iluminada pelos princípios da  
nova filosofia cartesiana e, sobretudo, pelo augustinismo dos seus autores  
jansenistas. A Lógica de Port-Royal não deixou de tratar os temas tradicionais  
da lógica, dos termos, da lógica proposicional e da silogística – nas  
primeiras três partes dedicadas a três operações do espírito: a de conceber  
[concevoir] a de julgar [juger] e a de raciocinar [raisonner] – , mas, num  
movimento que havia já começado com as lógicas renascentistas, acrescentou,  
para além daquelas, uma quarta parte sobre o método, ou seja, uma parte  
dedicada à operação mental de ordenar [ordonner], e, por isso, mais  
vocacionada para questões epistemológicas, como a possibilidade do  
conhecimento, a luta contra o ceticismo pirronista (não o metódico), a crença  
nos factos, sem deixar de dar o devido tratamento aos aspetos propriamente  
metodológicos, relativos ao momento heurístico da descoberta e à clara –  
geométrica e demonstrativa – exposição do conhecimento adquirido. O sucesso  
pedagógico e a tonalidade moderna desta Lógica – já que nela se apresentam  
inovações importantes como, por exemplo, a distinção entre extensão e  
compreensão dos termos – fizeram-na, por isso, merecer um lugar incontornável  
em muitas das histórias tradicionais da lógica. Para além, no entanto, deste  
lugar cativo na história geral da lógica, verificou-se a partir da segunda  
metade do século xx uma atenção especial a esta obra de Antoine Arnauld e  
Pierre Nicole. Tanto no domínio da filosofia da linguagem e da linguística,  
com os estudos de Noam Chomsky – que acreditou ter descoberto no par que esta  
obra compõe com a Grammaire Générale et Raisonnée, de Antoine Arnauld e de  
Claude Lancelot, o anúncio da sua Gramática Generativa, como no trabalho  
epistemológico da arqueologia das ciências humanas de Michel Foucault – que  
viu na Lógica de Port-Royal o paradigma da nova episteme clássica – mas  
também, ainda no âmbito das teorias da argumentação e daquilo a que se tem  
vindo a chamar “lógica informal” – onde a consideraram como uma lógica  
inovadora, voltada para a prática argumentativa, antecipando esse âmbito  
interdisciplinar que tem em conta os contextos e as dinâmicas efetivas da  
argumentação e que, nessa perspetiva, refletiu sobre alguns esquemas e  
falácias que haveriam de ser elaborados e sistematizados mais tarde.  
  
[iii] Lembremos que Hacking divide seu livro em três partes: o apogeu das  
ideias, o apogeu dos significados e o apogeu das sentenças.  
  
[iv] Hacking traz uma passagem na qual Foucault cita Borges com a  
exemplificação de uma variedade imensa de animais e que seria um conceito  
extremamente heterogêneo.  
  
[v] Aqui <https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2024/01/breves-ideias-sobre-  
locke-berkeley.html> podemos encontrar um pouco mais dessa distinção.